

XI Encontro Internacional dos Fóruns VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

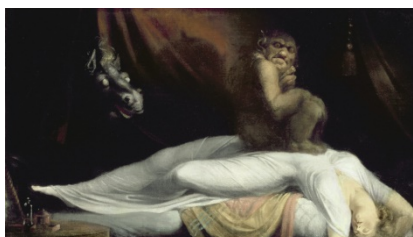
09-12 JULIO | 2020

Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires
Argentina

Corpo adorado

Marc Strauss



Por obra do acaso, o simpático pedido de Agnès Metton para escrever este Prelúdio coincidiu com minha leitura da página 66 da edição francesa do seminário *O Sinthoma*, a quarta lição, de 20 de janeiro de 1976. Lacan, mais apodítico que nunca, avança ali dizendo que o fato de o *parlêtre* adorar seu corpo é uma característica da espécie.

Uma formulação que não poderia ser mais simples, entretanto inquietante. Seria assim tão evidente? Quando procuramos em um buscador famoso, somos assolados pelo anúncio de sites que declinam 5, 10, às vezes 15 conselhos para conseguir amar seu corpo, assumi-lo, reconciliar-se com ele, enquanto outros propõem regimes emagrecedores. Sem falar do sucesso planetário das cirurgias estéticas e retificativas; evocamos apenas as vergonhas e os medos que nossos corpos desencadeiam. Então...?

É verdade que adorar não é amar, e que não amar seu corpo não significa não cultuá-lo, talvez mesmo o contrário.

Esta adoração é, para Lacan, o fato da mentira produzida pela mentalidade, constringida a imaginar « fatos falsos » para preservar o amor próprio que ela supõe.

Não temos a castração como exemplo maior de « fato falso »? Freud insistiu bastante sobre a importância desse delírio, que dá sentido tanto à ausência (*absence*) quanto ao gozo em separado, na constituição e desenvolvimento do pequeno homem.

Veyron nos ilustrou o fato de que o amor próprio nunca durará muito tempo e, lamentavelmente, o mesmo ocorre com a simplicidade em Lacan.

Na sequência de seu argumento – que então se torna extremamente denso e requer inúmeros comentários – ele situa o amor próprio no princípio da imaginação, reformulando a novela familiar de Freud, na qual é de uma ferida do amor próprio que ela parte, disposto a tudo para salvar o pai em sua função de assegurar a certeza de seu lugar no Outro. É o corpo considerado do ponto de vista desse Outro que permite ao sujeito se representar mentalmente como unidade, de onde toda *hystoire*¹ ganha sentido.

Lacan acrescenta que se o falasser (*parlêtre*) adora seu corpo é porque sua mentalidade lhe faz acreditar que ele o tem, mentalmente e contra toda evidência concreta. Ele sublinha que o corpo não evapora, e resta, desse modo, antipático à mentalidade.

Esse resto concreto do corpo é transferido, de golpe, a um outro corpo suposto verdadeiramente um, dispensado de sua dolorosa mentalidade. Este outro corpo torna-se então o objeto da adoração, desvio obrigatório para que ela retorne sobre seu próprio corpo.

Mais do que Narciso prisioneiro de sua imagem, sobre o qual os Antigos debatiam para saber se ele se reconhecia ou não, quem nos aparece aqui é Pigmaleão, cujo amor deu vida, não sem a contribuição de Afrodite, ao corpo de pedra de Galatea. O repertório das interpretações desse mito nos levaria bem longe, e não ousaremos ver no quadro de 1819 de Girodet, com seu buquê em destaque, a forma épica de um certo esquema tomado de Bouasse; lembremos simplesmente que esse chipriota fabricara a mulher dos seus sonhos após ter fugido de sua ilha, horrorizado que estava pela falta de pudor de suas habitantes, as propoetides, que tinham a má reputação de ser prostitutas e bruxas, ou mesmo as duas em uma, dito de outro modo, de ter uma mentalidade...

Seguindo Lacan nesta página do *Sinthoma*, nós somos todos Pigmaleões: para nossa adoração, nós nos vemos dar vida ao objeto, reconhecendo-o em outro corpo. Aparece, aí, um paralelo singular entre o objeto *a* que uma mulher é para um homem, e as crianças para ela: sempre dar vida, ainda que por uma lógica bem diferente.

Com efeito, se aparentemente as mães adoram os corpos dos seus filhos, às vezes para grande desgraça deles, é, entretanto, uma forma diferente de adoração que Lacan distingue daquela do corpo nas mulheres, em suas proposições para um congresso sobre a sexualidade feminina. Lá, ele descreve a infidelidade feminina onde, por traz do homem que ela «adora os atributos» fica velado «um amante castrado ou um homem morto (às vezes os dois em um)... para ali invocar sua adoração». Incubo ideal, talvez, mas que pesa com todo seu peso sobre o corpo da bela adormecida e produz um certo efeito, que fez o sublime pesadelo de um Füssli.

Claro, se a psicanálise constata que as unidades corporais se ordenam a partir dos discursos, ela sempre trata do corpo a partir de um outro corpo, fazendo do corpo um corpo ligado, sintoma de um outro corpo.

¹ Neologismo que equivoca entre histeria e história em francês.

Mesmo em se tratando de uma via extraviada, ou mesmo enganosa, resta a única possível para um falasser (*parlêtre*) cuja mentalidade impede de se reduzir à completa abstração de sua consistência imaginária.

A partir daí, uma série de questões :

- Como fica a adoração de seu corpo para aquele para quem o corpo do outro não contém nenhuma agalma já que ele tem seu objeto no bolso, o psicótico?
- Se o *parlêtre* adora seu corpo, é sempre a título de fazer o homem, mesmo para as mulheres?
- O que essa adoração se torna em uma análise, com a redução do sentido sexual do qual a fantasia se fazia de suporte? Ela encontraria uma alternativa?
- Em nossa época dita de « culto ao corpo », de Prometeu até a pornografia virtual em *free access*, o laço ao corpo do outro e através dele a seu próprio corpo encontra-se afetado? Como?

Tradução: Ana Laura Prates